

CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS EM BELO HORIZONTE (MG): VULNERABILIDADE E AÇÕES DE APOIO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19¹

Juliana Teixeira Gonçalves
Francisco de Paula Antunes Lima
Barbara Siqueira Lana
Raquel Dastre Manzanares

RESUMO

A pandemia da Covid-19 trouxe sérias implicações para os trabalhadores da reciclagem e por isso a pesquisa buscou identificar as dificuldades enfrentadas devido à importância da venda de recicláveis para a subsistência dos catadores e o risco de contágio por materiais infectados, que acarretou aumento da vulnerabilidade, bem como as habituais restrições de acesso a políticas públicas. Alternativas como a pesquisa telefônica para medição de impactos no trabalho de catadores, mesmo que à distância, mostrou dados preocupantes relacionados à segurança alimentar e sanitária, assim como dificuldades de acesso aos benefícios. Além disso, foram feitas articulações com poder público e terceiro setor para mitigar os impactos da pandemia e da interrupção da coleta seletiva. O serviço prestado pelos catadores e cooperativas é crucial para a manutenção das condições mínimas de saneamento na cidade, portanto, neste contexto excepcional, necessita ainda mais de proteção no trabalho e ampliação das políticas de assistência social.

Palavras-chave: Reciclagem. Políticas Públicas. Vulnerabilidade. Pandemia

SOCIOECONOMIC CONDITIONS OF WASTE PICKERS IN BELO HORIZONTE (MG): VULNERABILITY AND SUPPORT ACTIONS DURING THE COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic brought serious implications for recycling workers, so the research sought to identify the difficulties faced due to the importance of selling recyclables for the livelihood of waste pickers and the risk of contagion by infected materials, which led to increased vulnerability, as well as the usual restrictions on

¹ Os autores agradecem a FUNDEP que financiou a pesquisa e a todos os catadores e técnicos que participam do FMLC (Fórum Municipal Lixo & Cidadania de Belo Horizonte, no âmbito do qual se desenvolveu a primeira etapa desta pesquisa, e do grupo de pesquisa que desenvolveu o projeto para o qual foram coletados os dados da segunda etapa. Este artigo não seria possível sem o trabalho coletivo que foi desenvolvido nesses dois grupos.

access to public policies. Alternatives such as the telephone survey to measure impacts on the work of collectors, even at a distance, showed worrying data related to food and health security, as well as difficulties in accessing benefits. In addition, articulations were made with the government and the third sector to mitigate the impacts of the pandemic and the interruption of selective collection. The service provided by collectors and cooperatives is crucial for maintaining the minimum sanitation conditions in the city, therefore, in this exceptional context, it needs even more protection at work and expansion of social assistance policies.

Keywords: Recycling. Public policy. Vulnerability. Pandemic. Selective collect.

**CONDICIONES SOCIOECONÓMICAS DE LOS RECICLADORES EN BELO HORIZONTE
(MG): VULNERABILIDAD Y ACCIONES DE APOYO DURANTE LA PANDEMIA DE
COVID-19**

RESUMEN

La pandemia Covid-19 trajo serias implicaciones para los trabajadores del reciclaje, por lo que la investigación buscó identificar las dificultades que enfrentan debido a la importancia de vender materiales reciclables para el sustento de los recicladores y el riesgo de contagio por materiales infectados, lo que llevó a una mayor vulnerabilidad, así como las habituales restricciones al acceso a las políticas públicas. Alternativas como la encuesta telefónica para medir impactos en el trabajo de los recolectores, arrojaron datos preocupantes relacionados con la seguridad alimentaria y sanitaria, así como dificultades para acceder a los beneficios. Además, se realizaron articulaciones con el gobierno y el tercer sector para mitigar los impactos de la pandemia y la interrupción de la recolección selectiva. El servicio que brindan los recolectores y las cooperativas es fundamental para mantener las condiciones mínimas de saneamiento en la ciudad y en este contexto excepcional, necesita aún más protección en el trabajo y ampliación de las políticas asistenciales.

Palabras clave: Reciclaje. Políticas públicas. Vulnerabilidad. Pandemia. Recogida selectiva.

INTRODUÇÃO

O avanço da pandemia de Covid-19 trouxe desafios para as catadoras e catadores de materiais recicláveis e para o sistema de reciclagem no Brasil. Esse impacto direto aconteceu pela natureza da atividade de catadores ser intensiva em trabalho e difícil de ser realizada não presencialmente, características que tornam este setor da economia popular sujeito a sofrer impactos diretos das políticas de isolamento social para contenção da pandemia (DINIZ et al., 2020). Orientações sobre interrupção da coleta seletiva foram realizadas para que galpões de triagem não se tornassem focos de contágio e, com isso, diversas cooperativas interromperam suas atividades (DIAS et al., 2020). Em diversas cidades, a coleta seletiva foi interrompida, considerando que este serviço não é essencial, como a coleta de lixo comum, inclusive em cidades que têm contratos com cooperativas. Contudo, os catadores não sofreram os mesmos impactos e nem com as mesmas intensidades, dado que cada cidade possui uma realidade, as situações de catadores variam e, sobretudo, a categoria não é formada por um todo homogêneo (GONÇALVES, 2017).

O aumento do número de casos de Covid-19 cresceu no decorrer do ano de 2020 juntamente com a incerteza sobre o futuro de diversas atividades econômicas que foram interrompidas ou tiveram restrições devido as estratégias de diminuição de contato social para contenção do contágio. O perfil da população de catadores (faixa de idade, renda familiar, doenças crônicas) os coloca como um dos principais grupos de risco, o que justifica a adoção de medidas de isolamento espacial para diminuir não apenas a taxa de disseminação, mas sobretudo a aceleração de casos graves. O fato de trabalharem com materiais recicláveis manuseados por diversas pessoas e nos quais o vírus pode permanecer por até 72 horas torna os catadores ainda mais suscetíveis à contaminação (VAN DOREMALEN, 2020). A situação de risco de contaminação, que já era crônica devido à má qualidade da separação nos domicílios e nos PEVs (Pontos de Entrega Voluntária) onde se encontram material hospitalar, lixo de banheiro, restos de alimentos e animais mortos junto aos recicláveis, durante a pandemia de Covid-19, essa situação se agrava mais ainda.

Após a comprovação da sobrevivência do vírus sobre superfícies inanimadas e o evidente risco do trabalho dos catadores, foi recomendada pela ABES, Associação Brasileira de Engenharia Sanitária, a suspensão da coleta seletiva através de nota técnica para

todos os municípios brasileiros (ABES, 2020a). A suspensão tinha como objetivo principal a proteção dos catadores de materiais recicláveis, sobretudo os que trabalham manualmente na triagem dos materiais, por terem contato direto com os resíduos potencialmente contaminados. Quando os galpões de triagem foram considerados como alto risco de contaminação, várias cooperativas pararam suas atividades devido à interrupção da coleta seletiva, pela falta de material reciclável, falta de compradores em alguns municípios e o fechamento do comércio não essencial. Como estratégia para dar continuidade ao trabalho, algumas cooperativas passaram a acumular material reciclável no pátio ou dentro do galpão, cumprindo os protocolos de quarentena e desinfecção, mesmo com redução da demanda e do valor de venda dos recicláveis (DIAS et al., 2020).

O contexto pandêmico enfrentado pelos catadores de materiais recicláveis, que envolve não só riscos de contaminação, mas também insegurança alimentar e outras vulnerabilidades, precisam ser entendidas para criação de ações imediatas e adoção de medidas de prevenção a longo prazo, para além da pandemia, tratando também dos problemas crônicos já conhecidos. De acordo com o estudo de Dias et al. (2020) sobre a situação de saúde dos catadores durante a pandemia, 98% de um total de 127 cooperativas, aderiram à utilização de Equipamentos de Proteção Individual (máscaras, luvas, óculos), medidas de higiene pessoal e orientações de prevenção aos cooperados. Porém, algumas não tinham recursos financeiros para comprar os EPIs ou estes não estavam disponíveis devido à alta procura no início da pandemia. De acordo com Araújo et al. (2021) é essencial a formação de grupos de trabalho que atuem durante a pandemia para conter a crise econômica e sanitária, além da necessidade de informar a população sobre as recomendações que envolvam a destinação e tratamento adequado dos resíduos. Independente da suspensão ou não da coleta seletiva, é responsabilidade dos municípios o apoio e proteção aos catadores de materiais recicláveis, tanto com o fornecimento de equipamentos de proteção e condições dignas de trabalho que evitem os riscos de contaminação, quanto com o auxílio financeiro e doação de cestas básicas. Como foi observado por Araújo et al. (2021), nos países da América Latina, a maioria suspendeu a coleta seletiva e não reconheceu sua essencialidade, por isso, a prefeitura deveria auxiliar com as despesas mensais de manutenção das associações e cooperativas, assim como a garantia de renda para esses profissionais.

Neste contexto geral voltado à cidade de Belo Horizonte, discutimos como as ações realizadas para conter o avanço da pandemia de Covid-19 geraram impactos sobre a população de catadores de materiais recicláveis e um cenário de incertezas para a atividade econômica do setor. Considerando a dificuldade de identificação, análise e diagnóstico dessa população de trabalhadores que exercem sua atividade na informalidade, o artigo apresenta resultados de ações que mapearam a situação de catadores de materiais recicláveis que atuam na cidade de Belo Horizonte no início da pandemia de Covid-19, que serviu de base para desenvolver ações de mitigação da crise provocada pela mesma, como também traçar possíveis cenários para redução dos impactos a longo prazo.

Diante desse cenário, e a falta de pesquisas empíricas que ajudem a diagnosticar a situação dos catadores juntamente com a urgência de ações para conter a crise, foi realizada a pesquisa no ano de 2020 em dois momentos da pandemia, este artigo apresenta um levantamento da situação de catadores na cidade de Belo Horizonte, compreendendo catadores autônomos e catadores das cooperativas. O levantamento de caráter empírico abrange desde informações populacionais e sobre o trabalho até questões de saúde no cenário imposto pela pandemia. A partir da análise dos resultados, o artigo inicia com a situação da cidade de Belo Horizonte no cenário pandêmico e o sistema de coleta seletiva na cidade, os dados das duas fases da pesquisa são apresentados em sequência e a conclusão é composta de uma série de orientações e recomendações para garantir às catadoras e aos catadores o acesso a políticas públicas de segurança alimentar e proteção, de forma a melhorar as condições de trabalho e reduzir a vulnerabilidade desses trabalhadores.

MATERIAIS E MÉTODOS

Realizar pesquisa respeitando as medidas de isolamento social trouxe desafios inéditos, que se somaram às dificuldades para conhecer as situações de vida dos catadores, sobretudo os autônomos. Na situação de pandemia, o percurso metodológico seguiu a alternativa não presencial por meio da realização de pesquisa telefônica e questionário estruturado e dois tipos de questionários foram aplicados: um voltado para catadores que atuam na rua e outro voltado para catadores que atuam em galpões de triagem. Os questionários foram desenvolvidos na plataforma *Google Forms* e preenchidos durante chamadas telefônicas pelos pesquisadores da

equipe de coleta de dados. Os dois questionários tiveram perguntas organizadas em três seções: sobre o catador, sobre o trabalho e impactos no trabalho em situação de pandemia. Ambos os questionários foram aplicados seguindo um protocolo para garantir o anonimato, ou seja, todos os catadores entrevistados ganharam um código dentro do banco de dados, não podendo serem pessoalmente identificados na análise. A primeira coleta de dados foi realizada no período de 11 a 28 de junho de 2020, três meses após as primeiras medidas e intervenções do poder público para conter a pandemia, como a interrupção da coleta seletiva. A segunda fase da pesquisa foi realizada de 29 de setembro a 5 de novembro de 2020, após 6 meses desde a paralisação da coleta seletiva em Belo Horizonte.

Para possibilitar análises comparativas, os catadores entrevistados foram divididos em função do seu espaço de trabalho: rua ou galpão de triagem. Pela escassez de estudos sobre catadores que atuam nas ruas, privilegiou-se a busca por uma proporção maior desses indivíduos na pesquisa, o que se justifica pelo interesse em dar visibilidade à realidade, pouco difundida na literatura, tanto dos catadores que atuam nas ruas como dos impactos da pandemia no seu trabalho. Há estudos, como o de Dias et al. (2020), que mapearam os impactos da pandemia em cooperativas de catadores, mas trataram pouco da situação de catadores nas ruas. Neste artigo são apresentados elementos que permitem entender o impacto da pandemia sobre esses trabalhadores que atuam na catção de materiais recicláveis de forma autônoma, ou seja, não organizada em associações ou cooperativas.

Inicialmente será considerado como amostra de análise 83 catadores e catadoras na primeira fase da pesquisa e 89 na segunda fase. Posteriormente, essa amostra será segmentada para possibilitar evidenciar alguns contrastes que podem ajudar na análise, como no caso da divisão entre catadores que atuam na rua e catadores que atuam nos galpões de triagem.

Essa divisão, pouco comum na literatura e em pesquisas empíricas, pretende categorizar de maneira mais precisa os catadores, para além de situação de organização produtiva (organizados e autônomos) e sim na situação de trabalho (rua e galpão). A situação de trabalho contribui na organização de protocolos mais adequados para enfrentamento da pandemia. Além disso, há poucos estudos que contemplam a categoria de catadores de forma integrada, invisibilizando a situação

de catadores que atuam de maneira autônoma nas ruas e voltando análises exclusivamente para catadores que estão nas cooperativas.

Os dados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa. A análise dos dados se volta para uma proposta de uso dos dados quantitativos para servir de base na construção analítica de panoramas situacionais, os quais evidenciam a necessidade de intervenção, seja governamental, da sociedade civil organizada ou do setor empresarial, para redução dos impactos da pandemia na população de catadores.

APOIO AOS CATADORES E COOPERATIVAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

A suspensão das atividades de coleta seletiva e, consequentemente a interrupção das atividades nos galpões de triagem das cooperativas e associações de catadores do município de Belo Horizonte impactaram diretamente 306 catadores de materiais recicláveis de nove galpões de triagem das seis cooperativas e associações localizadas no município. Cerca de 15% da população deixou de encaminhar seus resíduos para a reciclagem, zerando a taxa de reciclagem do município nesse período e gerando assim, um passivo ambiental ainda não mensurado. O sistema de gestão de resíduos sólidos municipal possui iniciativas participativas desde 1990 através do “Fórum Lixo e Cidadania”, demonstrando como o setor público pode construir políticas inclusivas feitas em cooperação com as organizações de catadores de materiais recicláveis (DIAS, 2011). O Fórum Municipal Lixo e Cidadania de Belo Horizonte inclui vários atores sociais para garantir melhorias nos sistemas de reciclagem, através de debates participativos com entidades públicas e privadas. A partir da criação do Fórum Municipal Lixo e Cidadania foi possível investigar o contexto socioeconômico das organizações de catadores, integrando esses profissionais na coleta seletiva municipal e garantindo visibilidade, apoio técnico e financeiro aos grupos (DIAS, 2011). Atualmente o fórum mantém reuniões periódicas e coordenação protagonizada por catadores e técnicos de ONGs com participação ativa de representantes do poder público. Durante a situação de pandemia, o Fórum Municipal Lixo e Cidadania (FMLC) de BH foi o espaço onde se discutiram ações de enfrentamento coletivo integrando sociedade civil organizada, universidade, poder público e organizações de catadores. Após a suspensão da coleta seletiva devido a pandemia de Covid-19 o FMLC se reuniu e passou a se dividir em dois grupos de trabalho: o GT Emergencial e o GT Coleta Seletiva. O GT Emergencial reuniu pessoas com o intuito de desenvolver ações

voltadas para contenção da crise, com levantamento de cadastros de catadores, entrega de cestas básicas, necessidade de distribuição de máscaras e acesso a políticas emergenciais. O GT Coleta Seletiva se reúne para desenvolver coletivamente orientações técnicas e protocolos de segurança para retorno imediato da coleta e redução do impacto produtivo.

Apesar do acolhimento das demandas dos catadores durante a paralisação da coleta seletiva nas reuniões do Fórum, a estratégia de apoio da prefeitura envolveu apenas a distribuição de cestas básicas e kits de higiene para os trabalhadores de seis cooperativas e associações de Belo Horizonte. No entanto, muitos catadores não tiveram acesso aos valores do auxílio emergencial oferecido pelo governo federal e os catadores autônomos não cadastrados no CadÚnico no município não foram contemplados, afetando diretamente a segurança alimentar e a renda desses trabalhadores. Mesmo com a construção do GT, a coleta seletiva ficou suspensa durante sete meses, mesmo com os protocolos e orientações técnicas discutidos e aprovados por comitês técnicos internos à prefeitura em 4 meses após a suspensão, aprovação do retorno da coleta precisou de passar por outros processos para aprovação. Não houve comunicação ampliada sobre a suspensão da coleta e o retorno foi realizado com mobilização social porta a porta sem utilização de outros meios de comunicação mais efetivos.

A Figura 1 apresenta um esquema de linha do tempo dos principais acontecimentos ocorridos entre março de 2020, quando da interrupção das atividades de coleta seletiva no município de Belo Horizonte, até sua retomada em novembro de 2020. A suspensão do serviço de coleta seletiva como medida para manter a segurança sanitária dos catadores em Belo Horizonte não foi acompanhada de programas assistenciais do poder público municipal para atender a todos os catadores. A ação de apoio à segurança alimentar a catadores de materiais recicláveis foi realizada devido recomendação do Ministério Público e atendeu os 306 catadores organizados em cooperativas e associações, bem como 295 catadores autônomos a partir de abril de 2020 até janeiro de 2021. Porém, as instâncias vinculadas ao poder público municipal não possuem cadastro de catadores autônomos, não conseguindo estimar a população desse grupo de trabalhadores. Nesse cenário, para conhecer suas necessidades e organizar ações emergenciais foi realizado um levantamento da situação de catadores na cidade de Belo Horizonte, compreendendo catadores

autônomos e catadores das cooperativas. O levantamento abrangeu desde informações populacionais e sobre o trabalho até questões de saúde no cenário imposto pela pandemia. A partir da análise dos dados coletados, foram discutidas uma série de medidas para garantir maior alcance das catadoras e catadores a políticas públicas de segurança alimentar e proteção, de forma a melhorar as condições de trabalho e reduzir a vulnerabilidade desses trabalhadores.

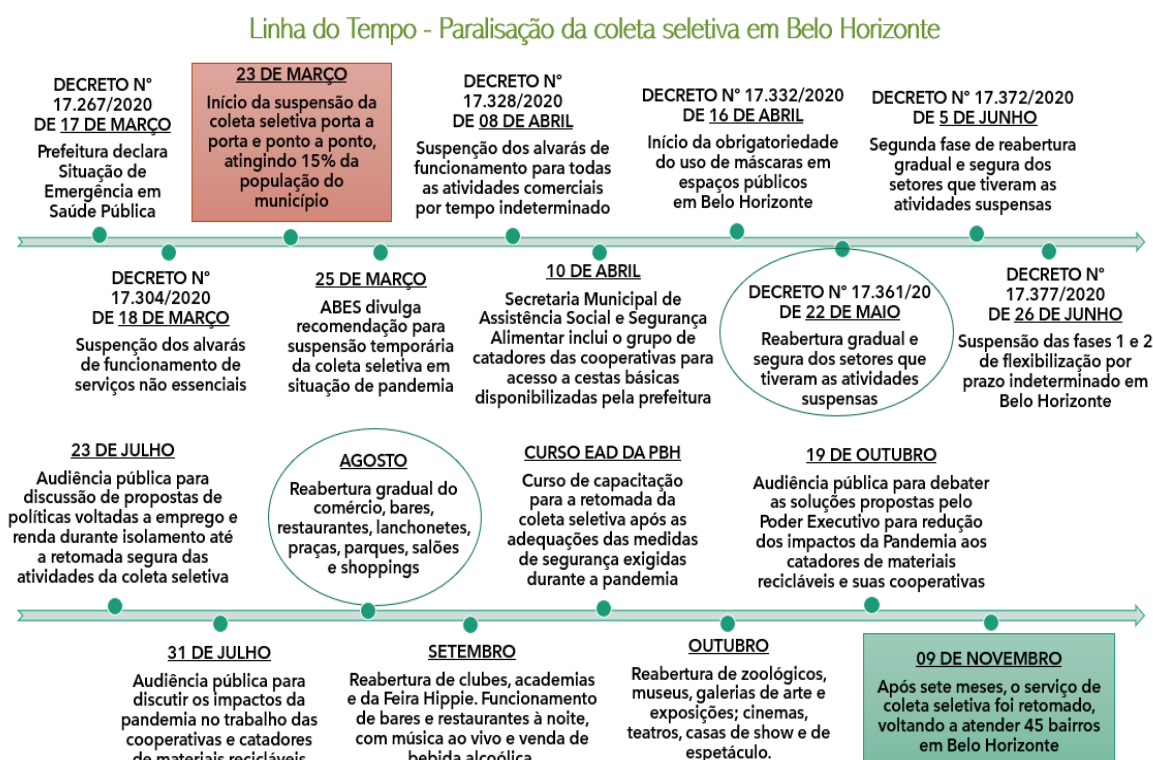


Figure 1 - Linha do tempo - Paralisação da coleta seletiva em Belo Horizonte. *Fonte: Elaboração própria, 2020.*

RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados obtidos com a análise dos dados coletados foram separados em duas categorias para posterior análise: os catadores que atuam nas ruas e os catadores que atuam em galpões de triagem. A partir dessa separação, os dados são agrupados em blocos temáticos: 1. Perfil dos entrevistados (com dados de caracterização da população); 2. Elementos do trabalho (características sobre a atuação como catador); 3. Impactos da pandemia de Covid-19 (como o trabalho e a renda foram impactados, assim como o acesso a auxílios emergenciais de contenção) e 4. Suporte na pandemia (ações para conter os impactos da pandemia).

1. Perfil dos Catadores

Os resultados obtidos ajudam a entender a situação dos catadores de materiais recicláveis em Belo Horizonte durante dois momentos da pandemia, um primeiro momento na fase inicial em junho de 2020, três meses após o início das ações de fechamento das atividades consideradas não essenciais na cidade, e uma segunda fase em outubro de 2020. Devido às características dos cadastros de catadores utilizados na pesquisa e a crônica falta de dados sobre catadores que trabalham de forma autônoma, a quantidade desses catadores que atuam na rua teve uma proporção maior de entrevistados do que os catadores que trabalham nos galpões de cooperativas.

Na primeira fase, a proporção do universo da pesquisa foi de 65,1% de catadores de rua e na segunda fase essa proporção foi de 71,9%, já a proporção de catadores que trabalhavam em galpões foi de 34,9% na primeira fase e 28,1% na segunda fase. Desse modo, compreender a situação de catadores que atuam na rua em situação de pandemia é um primeiro passo para promover estudos mais integrados e aderentes com abordagens que extrapolem os muros das organizações de catadores.

A pesquisa identificou uma prevalência de homens na atividade de coleta na rua e uma proporção maior de mulheres no trabalho interno em cooperativas. Na primeira fase da pesquisa a proporção de homens que atuam na rua foi de 44,6% e na segunda fase foi de 50,6%. No caso do trabalho de homens em galpões a proporção foi de 9,6% na primeira fase e 5,6% de homens na segunda fase que participaram da pesquisa e trabalhavam em galpões de triagem.

Para identificar o perfil etário do grupo entrevistado, a idade declarada pelos catadores foi sistematizada em faixas etárias progressivas em grupos de 5 anos. No grupo de até 30 anos, o catador mais novo afirmou ter 20 anos e, no grupo etário de mais de 60 anos, o mais velho declarou possuir 73 anos. A configuração etária do grupo entrevistado mostra uma proporção de trabalhadores da população economicamente ativa, com maior incidência de adultos na faixa etária de 36 a 40 anos de idade, somando 46,7% do total de entrevistados. A pouca incidência de jovens pode significar uma baixa atratividade do trabalho da reciclagem e a maior facilidade dos jovens, que possuem 30 anos ou menos, em encontrar opções de trabalho,

diferentemente das ofertas de trabalho mais reduzidas que se apresentam para a população que possui mais de 40 anos.

Uma das recomendações mais importantes, e repetida constantemente nas mídias para promoção da saúde e contenção da pandemia, era o mote “fique em casa”. Contudo, a pesquisa identificou que nem todas as pessoas entrevistadas possuem moradia, o que as colocava como população constantemente exposta ao vírus. Os dados das duas fases da pesquisa mostraram que uma média de 8% dos entrevistados nas duas fases da pesquisa se encontrava em situação de vulnerabilidade habitacional, ou seja, não possuem casa e/ou são usuários de equipamentos públicos como abrigos e/ou albergues e/ou moram na rua. Essa proporção precisa ser analisada com cuidado, pois a pesquisa não contemplou de forma ampliada catadores em situação de vulnerabilidade devido à limitação de acesso a telefone para grupos mais vulneráveis como, por exemplo, usuários de abrigos e albergues ou mesmo a população em situação de rua, pessoas que não possuem telefone pessoal. Logo, os catadores entrevistados nas duas fases da pesquisa, em sua maioria possuem casa própria (66,3% na fase 1 e 62,7% na fase 2), seguido de catadores que pagam aluguel (25,8% na fase 1 e 27,7% na fase 2), estes tendo uma preocupação maior com a manutenção da renda.

2. Elementos do trabalho

O trabalho foi uma categoria de análise considerada na pesquisa e os dados coletados nas duas fases de entrevistas com catadores permitiram não só uma análise comparativa entre os dois períodos como também obter entre as duas categorias de catadores.

O tempo em que os catadores desenvolvem a atividade de coleta de material reciclável foi uma das perguntas realizadas durante as entrevistas. A maior parte dos catadores, nas duas fases da pesquisa, está na atividade de dois a cinco anos com uma média de 30% nas duas fases da pesquisa. Apesar de haver uma variação grande de tempos na atividade, é possível perceber que os catadores entrevistados não entraram na atividade devido a pandemia, pois a variação começa a partir dos 4 meses e chega a 40 anos de catação. Não há diferenças consideráveis relacionadas

a tempo na atividade ao comparar catadores de rua e catadores que atuam no galpão de triagem.

Além do tempo na atividade de coleta de materiais recicláveis, outra pergunta voltada para identificar a dinâmica da atividade foi relacionada a complementação da renda. A atividade de catação de recicláveis geralmente é atrelada à complementação de renda com outra obtida em outra atividade ou aposentadoria (GONÇALVES,2017). Essa relação de outras atividades com a catação é um processo que assume diferentes composições, principalmente devido à renda variável e aos valores baixos dos materiais coletados, especialmente para catadores de rua. Contudo, a pesquisa identificou que mais de 70% dos catadores nas duas fases da pesquisa possuem apenas a renda advinda da catação de recicláveis, apontando alta dependência da atividade na renda obtida, apesar de alguns catadores realizarem outras atividades profissionais formais ou não.

Outro aspecto mostrado por Gonçalves (2017) é que nem todo catador que atua na rua é “catador autônomo”, há catadores que realizam atividades de catação e que possuem vínculo com cooperativas, associações ou mesmo depósitos ou ferros-velhos. Nas duas fases da pesquisa uma parcela importante de catadores “que trabalham por conta própria” foi contemplada com 48,2% de catadores autônomos na primeira fase e 53,9% na segunda fase. Foi identificado que de 9% a 7% dos catadores de rua possuem vínculos com ferro velhos seja para garantia de acesso a equipamentos para o trabalho como carrinhos de coleta ou mesmo garantia de venda e recebimento imediato, apesar de ser uma parcela pequena na amostragem da pesquisa, há catadores que atuam na rua que declaram fazer parte de cooperativas ou associações.

A atuação territorial dos catadores que participaram da pesquisa também foi identificada através de autodeclaração de bairros em que os catadores realizam a coleta. A Figure 1 apresenta o mapeamento realizado através dos dados coletados com as informações dos bairros em que os catadores entrevistados responderam atuar durante a realização a coleta dos materiais recicláveis. Todas as regiões de Belo Horizonte foram mencionadas nas entrevistas com alguma atuação de catadores de rua, sendo citados 73 bairros na fase 1 e 54 bairros na fase 2, todos os catadores entrevistados trabalham em mais de um bairro na cidade. A título de

complementariedade no mapeamento e contribuição na análise, o mapa também apresenta dados relacionados à localização dos galpões de triagem existentes no município e bairros com atendimento da coleta seletiva municipal através de dados públicos disponíveis no site da prefeitura municipal.

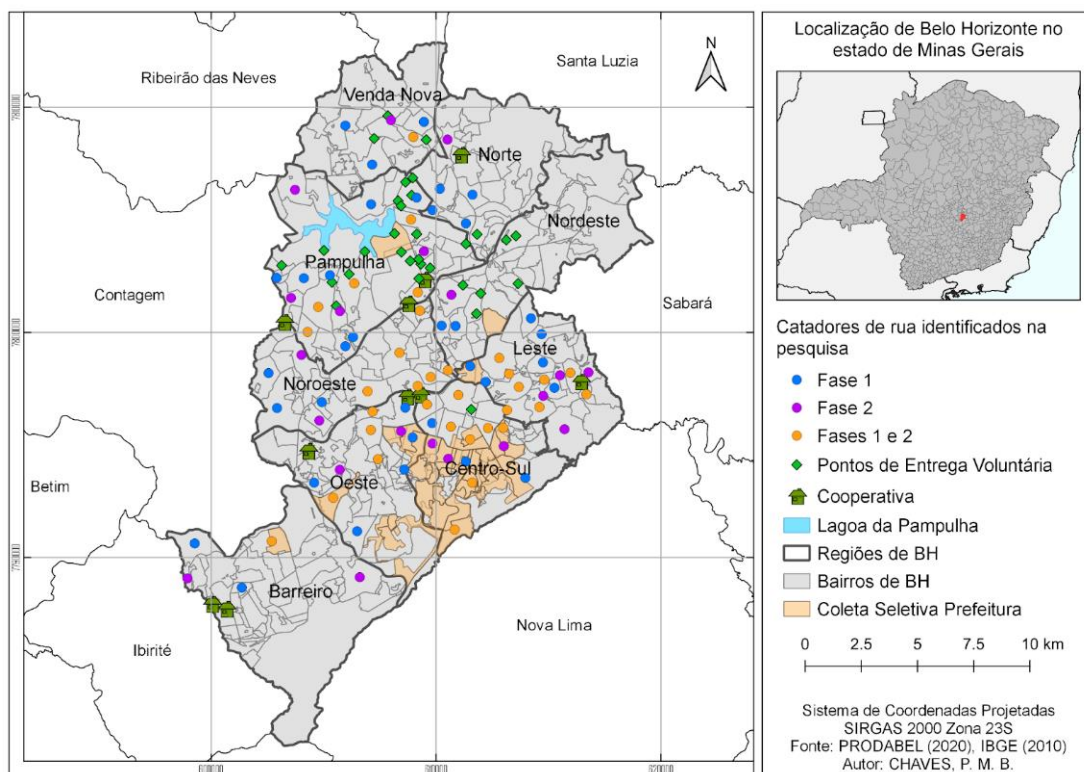


Figura 2 - Mapa de coleta dos catadores entrevistados em Belo Horizonte. *Fonte: Elaboração própria, 2021 (com dados de 2020).*

2.1. Catadores de Rua - um compilado

As duas fases da pesquisa contemplaram a coleta de dados gerais sobre o universo da catação na rua. Esse aspecto se torna relevante diante de um contexto em que, ao mesmo tempo que faltam informações sobre essa categoria de catadores, sobretudo autônomos, há também um distanciamento não só da universidade como também do poder público, o que ficou evidenciado durante a pandemia. As informações que contribuíram na análise dos elementos do trabalho de catadores de rua na pesquisa foram: tipo de vínculo organizacional, tipos de materiais coletados, equipamento de transporte de coleta e dinâmica de comercialização.

Quanto ao vínculo organizacional, conforme pontuado anteriormente, a atividade de catação na rua não é realizada apenas por catadores autônomos. Considerando o universo de catadores de rua que participaram da pesquisa, a fase 1 contempla um

total de 54 catadores e na fase 2 a somatória foi de 64 catadores de rua. Deste total, a quantidade de catadores autônomos, ou seja, aqueles que trabalham por conta própria sem vínculo formal ou informal com cooperativas, associações ou ferros-velhos foi de mais de 70% nas duas fases da pesquisa.

Quanto ao tipo de material que coletam, os dados da primeira fase e da segunda possuem variação pouco relevante, por isso a análise será voltada apenas aos dados da primeira fase. Na Tabela 1 há a listagem de tipos de materiais coletados por catadores de rua na primeira fase da pesquisa, é importante considerar que catadores coletam mais de um tipo de material, ou seja, a somatória é relacionada a cada tipo de material, onde o “n” é a quantidade de catadores que coletam determinada categoria de material.

Tabela 1 - Tipos de materiais coletados por catadores de rua entrevistados na primeira fase da pesquisa

Tipos de Materiais	n	%
Sucata Ferrosa (ferro e aço)	40	74,1
Sucata não ferrosa (alumínio, chumbo, cobre, níquel, estanho...)	53	98,1
Papel/Papelão	42	77,8
Plásticos em geral	44	81,5
Vidro	7	13,0
OGR – Óleos e gorduras residuais	10	18,5
Entulho	10	18,5
Volumosos (móveis, eletrodomésticos)	23	42,6
Outros	2	3,7

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Conforme os dados dispostos na tabela acima, é possível identificar que os materiais mais coletados por catadores de rua que participaram da pesquisa são as categorias: “Sucata não-ferrosa” e “Plásticos” seguidos de “Papel/Papelão” e “Sucata ferrosa”. É considerável a quantidade de catadores que coletam resíduos volumosos e entulho, categorias que não apresentam relação financeira direta com a venda do material, indicando que o trabalho de coleta do catador de rua tende a contemplar outros resíduos e resolver demandas da população quanto ao descarte desses materiais.

O equipamento para a realização da coleta dos materiais de catadores de rua que participaram da pesquisa foi um elemento do trabalho identificado nas duas fases da pesquisa. O comparativo demonstra um aumento da utilização de veículos motorizados e carrinhos de coleta, que são os tradicionais carrinhos de propulsão humana para coleta de grandes volumes. Alguns entrevistados também relataram que o veículo motorizado era utilizado apenas quando necessário, pois o automóvel era emprestado quando a coleta solicitada era de resíduos muito volumosos ou pesados.

Os catadores relataram que o carrinho de coleta é muito utilizado para levar uma maior quantidade de materiais durante as rotas pela cidade, carregando de 500 a 1000 quilos de recicláveis. No entanto, ele exige bastante esforço físico e posições indevidas ao ser puxado pelo próprio catador em uma baia de condução, além do risco de acidentes no trânsito e em morros inclinados, muito presentes na cidade de Belo Horizonte. Além do carrinho de coleta ter uma considerável importância na coleta dos catadores de rua, o veículo motorizado foi o tipo de transporte mais frequentemente utilizado por catadores entrevistados atingindo 35% de catadores utilizando esse tipo de transporte na primeira fase da pesquisa e 53, 1% na segunda fase. Outros tipos de transporte na coleta foram identificados além do tradicional carrinho de coleta e veículos motorizados há utilização de:

- Sacolas ou Sacos, sobretudo os que tem maior capacidade. Sacos de embalar colchões foram citados como o mais adequado, perdendo apenas para big bags que podem ser arrastadas pela rua e muitas vezes o dono do depósito empresta para o uso de alguns catadores. Na primeira fase da pesquisa, 16,7% dos catadores de rua utilizavam sacos ou sacolas para a coleta nas ruas e na segunda fase foram 4,7%;
- Carrinho de Supermercado é um equipamento importante na coleta de 14,8% dos catadores de rua que participaram da primeira fase e 7,8% dos catadores na segunda fase. Geralmente extraviado de estabelecimentos comerciais, o carrinho de supermercado tem uma versatilidade adaptativa ao trabalho de catadores na rua e é frequentemente utilizado por aqueles que tem dificuldade de utilizar o carrinho de coleta pelo peso.
- Carroça de Tração Animal e Carrinho de Mão também foram citados durante a pesquisa. No caso da carroçada de tração animal apenas na fase 2 da pesquisa

com 1,6% dos catadores de rua, já o carrinho de mão com 1,9% de uso pelos catadores de rua apareceu apenas na primeira fase da pesquisa.

Muitos catadores que não utilizam carrinho de coleta e não possuem espaço para guardar os materiais em casa ou em um depósito, utilizam equipamentos de fácil acesso, como sacos, sacolas, carrinho de mão e de supermercado para coletar e vender os materiais no mesmo dia. A dinâmica de estocagem dos materiais é um elemento de risco diante do cenário da pandemia, tanto que a orientação de quarentena dos materiais foi apresentada como protocolo de segurança nas cooperativas. Porém, no caso dos catadores de rua e a estocagem muitas vezes em casa (representando 27% dos catadores na primeira fase e 25% na segunda) o risco de infecção proveniente do material é alto e não foi realizada nenhuma ação de orientação para esse grupo de trabalhadores diante do risco de contágio já identificado para as cooperativas. Já a dinâmica de comercialização de venda dos recicláveis no mesmo dia aumentou de 31% para 42% na fase 2 da pesquisa, sugerindo aumento de necessidades cotidianas mais prementes, como alimentação. A dinâmica de comercialização com estocagem prévia dos materiais em lotes e depósitos diminuiu de 40% para 33% na fase 2 da pesquisa. Já a estocagem realizada na própria residência dos entrevistados manteve-se com uma leve queda de 27% na fase 1 para 25% na fase 2.

3. Impactos da Pandemia

Os impactos principais da pandemia são difusos e tem efeitos a longo prazo, porém, mesmo com coleta de dados em duas fases, neste tópico trabalharemos com apenas os dados da primeira fase da pesquisa, quando os efeitos foram mais imediatos. A primeira fase da pesquisa foi realizada após os 3 primeiros meses de interrupção das atividades não-essenciais e os impactos avaliados estão relacionados a este período. A coleta seletiva na cidade foi interrompida em 23 de março de 2020 e, após essa definição, os galpões de triagem praticamente ficaram sem materiais e optaram por interromper as atividades ou reduzi-las. No caso de catadores que atuam na rua, a dinâmica foi diferente, não houve proibição da coleta e muitos permaneceram na atividade, embora alguns tenham interrompido a coleta por medo, insegurança ou pela falta de locais para comercialização de materiais tendo em vista o decreto de proibição do comércio não essencial.

O trabalho também é impactado quando se é grupo de risco para a Covid-19. Catadores que possuem alguma comorbidade como diabetes, hipertensão, obesidade, doenças respiratórias como asma ou bronquite, imunossuprimidos, portadores de doenças autoimunes e transplantados foram alguns dos fatores de risco declarados por 36,2% dos entrevistados. Importante considerar que a maior parte dos catadores que autodeclararam pertencer ao grupo de risco (30,2%) são catadores que atuam nas ruas. Segundo o levantamento realizado, 27% dos catadores que atuam nas ruas declararam que, após realizarem a coleta levam os materiais para sua residência, seja para realizar a triagem ou mesmo para acumular volume suficiente para ser comercializado posteriormente. Levar material coletado na rua para o ambiente doméstico sem nenhuma medida de proteção pode ser um elemento importante no aumento do contágio e risco imediato de infecção da família desse catador pela Covid-19.

Ficar sem trabalhar ou reduzir a atividade, para quem trabalha como catador de materiais recicláveis, é sinônimo de impacto direto na renda, principalmente para o grupo entrevistado em que mais de 70% sobrevivem da renda obtida na catação. A pesquisa identificou que 38,6% dos catadores entrevistados tiveram a renda zerada por conta da interrupção das atividades, sendo que o impacto maior foi para catadores que atuam em galpões de triagem (Figura 3). Todos os catadores que atuam em galpões de triagem tiveram algum impacto direto na renda. Para catadores que atuam na rua houve uma significativa redução na renda, seja pela queda no preço dos materiais, pela escassez de materiais dispostos nas ruas ou pela disputa pelo material com outros catadores.

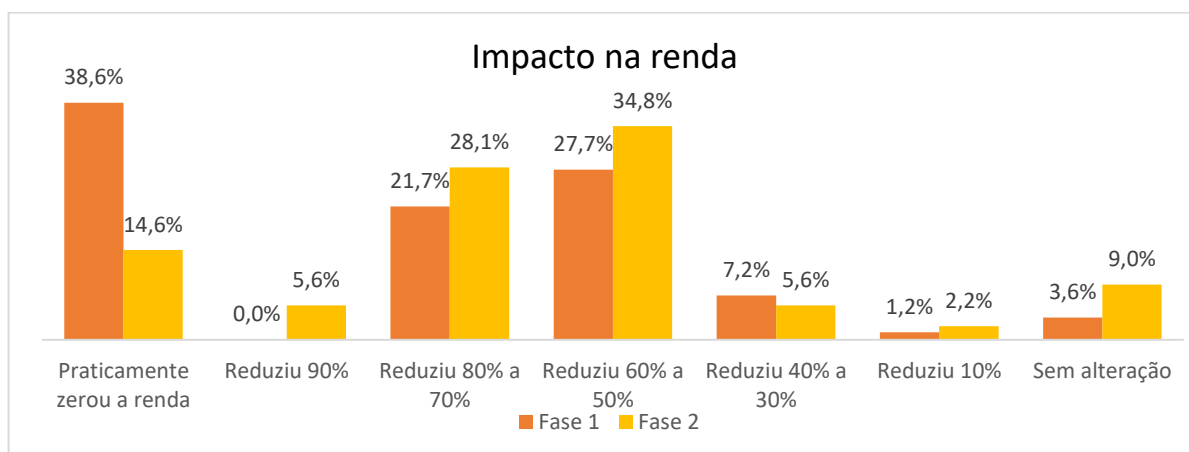


Figura 3 - Impacto da pandemia na renda dos catadores entrevistados. Fonte: Elaboração própria, 2021

4. Suporte na pandemia

Os impactos da pandemia na renda e no trabalho dos catadores motivaram mobilizações e construção de redes de apoio para reduzir efeitos da crise econômica, prover segurança alimentar, assegurar a sobrevivência e proteção suficientes para a não infecção pelo vírus da Covid-19, até então desconhecido naquele momento. A análise voltada a ações para conter os impactos da pandemia foi realizada a partir dos resultados da pesquisa nas duas fases. Importante considerar também que, entre as duas fases de pesquisa, foram realizadas intervenções pelo grupo de pesquisa, relacionadas a entrega de cestas básicas, direcionamento ao poder público municipal com recomendações sobre atuação junto a catadores, sobretudo para autônomos e entrega de itens de proteção e prevenção.

A principal plataforma utilizada para acesso a benefícios desenvolvidos pelo município foi o Cadastro Único da União, conhecido como CadÚnico, uma das ferramentas utilizadas para identificação da população que necessita de políticas de assistência social de transferência de renda. Na primeira fase da pesquisa 50,6% dos catadores entrevistados relataram que não estavam cadastrados nessa plataforma e 7,2% não sabiam se estavam cadastrados ou com o cadastro atualizado. Já na segunda fase da pesquisa o número de catadores entrevistados que declararam ter cadastro no CadÚnico diminuiu para 38,2%, uma redução que pode estar atrelada a dificuldades de acesso a benefícios no intervalo entre as duas pesquisas, ou a não atualização do cadastro. Essa informação contribui para uma análise mais global no território da cidade de Belo Horizonte que ficou temporariamente sem o serviço de atualização e/ou realização de novos cadastros pela suspensão das atividades presenciais no início do trabalho remoto das equipes de assistência social. Nesse aspecto, a maior parte dos catadores entrevistados nas duas fases de pesquisa fazem parte de famílias que não possuem porta de entrada direta a políticas públicas. Importante considerar que no município não há cadastro público específico voltado a catadores de materiais recicláveis e o CadÚnico, apesar de possuir dados que podem identificar catadores, ainda é uma ferramenta limitada para tal identificação devido a restrição exclusiva para beneficiários do SUAS - Sistema Único de Assistência Social.

No decorrer da pandemia, as medidas de contenção e redução de danos começaram a ser desenvolvidas não só pelo poder público, mas também pela sociedade em geral

e por empresas, ONGs e outras instituições e projetos que contribuíram para conter a crise. A pesquisa procurou identificar quais foram os benefícios e auxílios que os catadores tiveram acesso durante as duas fases da pesquisa. Os benefícios listados foram:

- a. *Renda Emergencial do Governo Federal*: Auxílio pecuniário oferecido à população mediante avaliação e cumprimento de critérios para acesso durante 4 meses e possível de prorrogação;
- b. *Cesta básica da Prefeitura de Belo Horizonte*: Medida emergencial oferecida à população vulnerável com risco de segurança alimentar, sendo que os catadores de materiais recicláveis se tornaram público prioritário no recebimento das cestas a partir do mês de maio por meio de mediação entre o Ministério Público e o Movimento de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR);
- c. *Renda Mínima Cataki app*: Auxílio pecuniário destinado a catadores, com foco nos autônomos cadastrados no aplicativo Cataki da ONG Pimp My Carroça;
- d. *Cartão Alimentação ANCAT*: Auxílio através de cartão alimentação para catadores, com foco em catadores associados ou cooperados, realizado através da Associação Nacional de Catadores (ANCAT) e MNCR;
- e. *Cestas Básicas de ONGs ou Empresas*: Auxílio à segurança alimentar com doação direta de cestas realizada para algum catador ou grupo de catadores;
- f. *Distribuição de Equipamentos de Proteção Individuais (EPIs)*: Equipamentos de proteção como máscaras, álcool em gel, luvas, dentre outros, doados aos catadores para auxílio à proteção durante o trabalho e em casa.

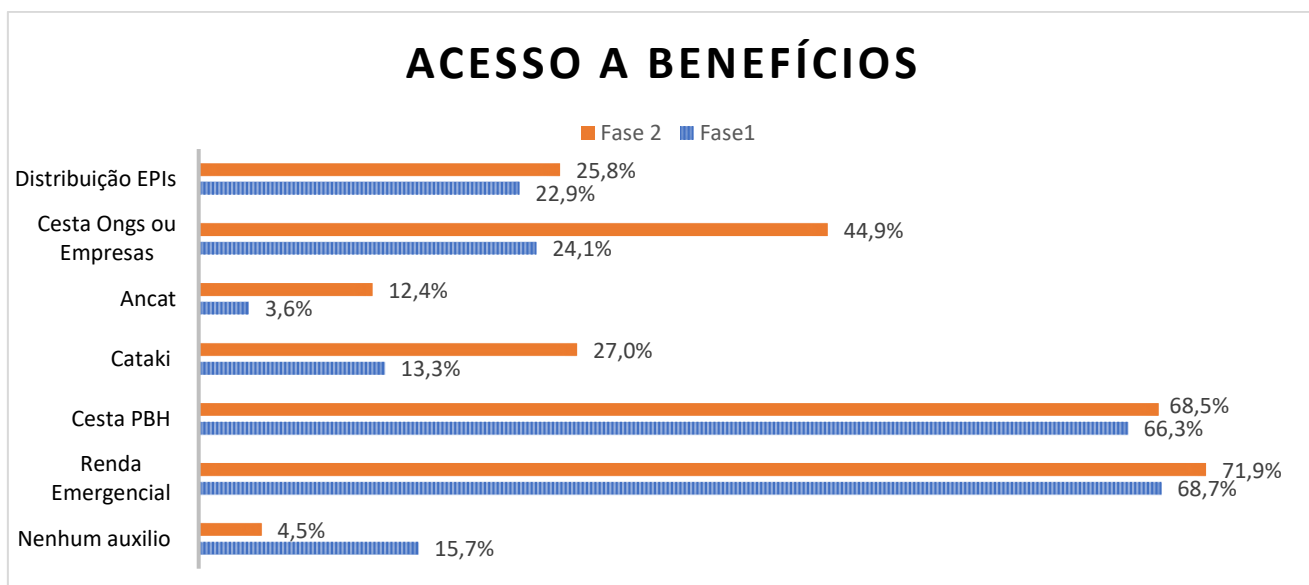


Figura 4 - Benefícios recebidos pelos catadores de rua e galpão entrevistados nas duas fases da pesquisa. Fonte: Elaboração própria, 2021

Apesar do alto índice de acesso a benefícios, alguns catadores não acessaram nenhum tipo de auxílio, principalmente aqueles que trabalham na coleta na rua. Os catadores entrevistados também relataram alguns problemas enfrentados no acesso a auxílios advindos dos governos federal e municipal, como demora na análise e o fato do valor do auxílio da renda emergencial não ser suficiente para quitar as contas domésticas ou, como no caso de acesso a cestas básicas municipais, os problemas mencionados estarem relacionados à dificuldade no uso de plataformas online, pouco acesso a smartphones e à internet e, além disso, a maioria dos locais que poderiam oferecer suporte de informática e acesso à internet encontravam-se fechados. Algumas ações para atender necessidades mais prementes identificadas na primeira fase, sobretudo de insegurança alimentar, foram realizadas pela equipe de pesquisadores como entrega de EPIs e cartões alimentação em parceria com ONGs e empresas.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A divisão mais usual entre catadores organizados e autônomos não foi considerada como determinante neste estudo por questões metodológicas. Optou-se por dividir inicialmente os catadores de materiais recicláveis em dois grupos: aqueles que atuam nas ruas e os que atuam nos galpões de triagem. Essa separação permite não apenas que o espaço ampliado de trabalho de catadores seja considerado, mas também que

os riscos enfrentados pelos catadores durante a pandemia não sejam considerados iguais para todos.

Quando se analisa os dois grupos de catadores, rua e galpão de triagem, em relação à proporção por gênero, é possível perceber que os dados mostram uma tendência já identificada por Oliveira & Lima (2012) sobre a divisão sexual do trabalho e a predominância de mulheres em galpões de triagem. O perfil etário dos catadores entrevistados apresenta duas faixas mais significativas: a presença de uma população de meia idade e outra de idade avançada, condições que devem ser consideradas em ações de saúde e prevenção. Considerando-se que a pesquisa não tem metodologia de busca ativa de catadores, foi realizada à distância e apenas com catadores que possuem telefone, a proporção de trabalhadores que formam a população em situação de rua não foi contemplada de maneira significativa.

Além da idade dos entrevistados ser um elemento de caracterização da população de catadores para o potencial risco à Covid-19, os dados de situação de moradia também contribuem nessa análise. A situação de moradia ajuda a entender o contexto de vulnerabilidade habitacional que potencializa ou não a vulnerabilidade à Covid-19. Nesse caso, felizmente, cerca de 90% dos catadores e catadoras entrevistados, conforme identificado nas duas fases da pesquisa, não estão em vulnerabilidade habitacional, pois encontram-se em moradia própria, cedida ou pagando aluguel. No caso de pessoas que pagam aluguel, o impacto na renda causado pela crise pode gerar vulnerabilidade habitacional, pois, não tendo renda devido à interrupção ou redução das atividades de trabalho, os catadores podem perder o espaço de moradia. Ao mesmo tempo, há catadores que moram em ocupações, albergues, abrigos ou mesmo na rua e precisam ser considerados público prioritário nas ações e políticas públicas de contenção à crise causada pela pandemia.

Quanto à configuração do trabalho, o grupo entrevistado é formado por catadores que têm mais tempo de atividade, possuem a catação como renda principal e mesmo assim possuem dificuldade de acesso a políticas públicas de apoio ao trabalho. Apesar da catação ser uma atividade dinâmica e heterogênea (GONÇALVES, 2017), dentre o universo de catadores entrevistados, a proporção de catadores que realizam a atividade de forma eventual não foi significativa.

Nos bairros de Belo Horizonte em que ocorre a coleta dos materiais recicláveis pelos catadores de rua entrevistados é visível uma maior capilaridade comparada ao atendimento das alternativas formais de coleta seletiva. Nas duas fases da pesquisa, observa-se a atuação de catadores de rua próximo ou no mesmo bairro em que existe a coleta seletiva da prefeitura e onde há pontos de entrega voluntária. É possível perceber também a alta predominância de catadores que coletam nas regiões Centro-Sul, Leste e Pampulha, que são regiões com maior fluxo comercial, de pessoas e de resíduos.

Um indicativo que demonstra fragilidade das políticas públicas é o alto índice de catadores que declararam não possuir cadastro no CadÚnico ou não saberem se estão cadastrados ou não na plataforma, somando 58% da amostra analisada. Quando não se conhece a população de trabalhadores que precisa de atendimento ou auxílio, torna-se mais complicado o endereçamento de ações que consigam amenizar ou resolver os problemas enfrentados. Assim, o cadastramento mostrou-se uma ferramenta importante em situações de crise, mas é necessário que seja um instrumento alimentado por censos prévios e constantes. Essa necessidade de identificação e cadastramento de catadores também foi constatada em outros levantamentos como Dias et al. (2020) e Silva Henrique & Oliveira Mattos (2020).

O acesso à informação é outro ponto de fundamental importância para garantir direitos aos catadores, como evidenciado por Dias et al. (2019), muitos trabalhadores não sabem diferenciar a “assistência social” da “previdência social”. E para usufruir dos seus direitos, principalmente durante a pandemia, a informação é um pré-requisito imprescindível para que os catadores sejam atendidos pelas políticas públicas, mas a negligência do poder público impede a garantia de informação adequada e materialização dos direitos à população vulnerável. Como observado na pesquisa, muitos catadores entrevistados sequer sabiam o que era CadÚnico, outros não sabiam se estavam cadastrados ou não, além dos que relataram que realmente não possuíam o cadastro.

A falta de documentos de identificação também dificulta o acesso à benefícios e aos serviços públicos de saúde, mas isso não deveria ser um empecilho para os catadores usufruírem de seus direitos, especialmente no contexto atual de crise econômica e sanitária. Segundo Dias et al. (2019), muitos catadores já perderam a documentação

várias vezes ou não possuem local seguro para guardar durante o trabalho, por isso, a burocracia para acessar serviços essenciais poderia ser evitada através da tecnologia, como o cadastro via biometria.

Quanto ao impacto relacionado à pandemia, os catadores que atuam na rua, independentemente de serem autônomos ou cooperados, foram os que menos interromperam suas atividades, quando comparados ao quantitativo considerado de catadores que atuam nos galpões e que ficaram sem trabalhar durante o período. Catadores que trabalham exclusivamente com a catação e estão nos galpões de triagem tiveram um impacto imediato e significativo na renda, sendo que em muitos casos os catadores tiveram a renda zerada (38,6%). A interrupção da atividade dos catadores, orientação que procurou conter o ritmo de contágio da Covid-19, não envolveu diretamente políticas públicas que garantissem a subsistência dos catadores que precisavam suspender suas atividades. Tais impactos, além de atingirem o trabalho, atingem também a renda e a saúde dos trabalhadores expostos ao vírus no cotidiano de suas atividades de coleta. Além disso, há pouco acesso na rua a pontos de higienização de mãos durante o trabalho e o acesso a EPIs como máscaras e luvas é bastante limitado.

Estudos de Braham & Ogando (2020) já indicam que a adoção de protocolos de prevenção e proteção à saúde utilizados a partir da pandemia, como a importância do uso de EPI e o acesso à água para higienização pessoal, podem auxiliar na saúde e segurança ocupacional. Os riscos já vivenciados pelos catadores de materiais recicláveis podem ser encarados pelos próprios trabalhadores de outra forma, ao aumentar a preocupação com a saúde e proteção no trabalho. Segundo o estudo, 96% dos catadores de recicláveis de 12 cidades passaram a utilizar máscaras e 65% luvas, mas 80% relataram dificuldade em obter o EPI gratuitamente, por isso a compra era feita pelos próprios trabalhadores e era comum a reutilização das máscaras, diminuindo a proteção. Sendo assim, é essencial intervenções do governo e disponibilização de recursos para que catadores cooperados e autônomos não fiquem desprotegidos à infecção pela covid-19.

É possível perceber que as políticas públicas relacionadas aos catadores nos sistemas de gestão integrada de resíduos e de assistência social são direcionadas aos catadores organizados em cooperativas e associações. Ações que procuram

integrar catadores que não estão nessas organizações não são comuns e configuram uma lacuna importante na identificação, acesso e construção de alternativas com tais grupos. Pelos dados coletados é possível demonstrar que, apesar de existirem muitos catadores em atividade, a maior parte deles está fora desses espaços arquitetados pelo poder público para integrar os catadores aos sistemas municipais de gestão de resíduos. Os trabalhadores que aqui identificamos como “trabalho por conta própria”, comumente denominados como “catadores autônomos”, “avulsos” ou “individuais”, ainda colocam desafios à gestão pública, a começar, na cidade de Belo Horizonte, por identificar quem eles são e onde estão, cadastrar e desenvolver ações específicas, reconhecendo sua contribuição efetiva à gestão de resíduos. Durante a pandemia, os auxílios e apoios chegaram mais rápido às cooperativas e associações e a capilaridade de ação junto a outros catadores, por parte do poder público local, foi limitada. Alcançar diretamente os catadores autônomos, que representam cerca de 90% dessa categoria profissional, é essencial em qualquer momento e, com a pandemia, tornou-se urgente.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Os catadores de materiais recicláveis, com seus diferentes perfis, espaços e condições de trabalho, sofrem impactos de ordem e intensidade variados durante a pandemia de Covid-19 em Belo Horizonte. Há uma evidente necessidade de manutenção da renda emergencial dentro das cooperativas de catadores, principalmente para aqueles que perderam completamente a renda familiar em função da interrupção da coleta seletiva municipal. A separação entre catadores que atuam nas ruas e nos galpões de triagem permite um entendimento mais ampliado da situação e conseqüentemente das ações voltadas a cada grupo. Nesse sentido, uma das recomendações é voltada a oferta ampliada de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para catadores, que sejam adaptados especialmente aos catadores de rua, que nesta condição têm dificuldades até mesmo de lavar as mãos. O acesso a EPI é um ponto focal para contenção da pandemia, para além da máscara, a proteção no trabalho na rua precisa ser garantida e tratada com mais seriedade pelo poder público. O uso dos EPIs pode ser tratado após a garantia do acesso dos equipamentos adaptados para o trabalho, pois se atualmente não há sequer acesso a tais equipamentos para a coleta na rua, o uso deles é uma discussão secundária. O

estreitamento da relação direta com catadores, principalmente os que coletam na rua, serve também para ajudar na proteção individual no trabalho.

Outro ponto de atenção durante e pós pandemia é a garantia do acesso a políticas de segurança alimentar e a construção mecanismos que permitam a identificação direta de catadores autônomos. Não há nenhum cadastro voltado para identificação de catadores autônomos, esse foi um desafio durante a pandemia, se não há cadastro, não há sequer políticas voltadas para o público de trabalhadores, que segundo pesquisa realizada durante o diagnóstico do Plano Municipal de Gestão Integrada (PMGIRS) de BH são 80% do total de catadores na cidade (GONÇALVES, 2017). Uma forma de desenvolver a identificação desses catadores pode ser através das cooperativas e associações desenvolverem juntamente com as políticas de assistência social esse cadastramento de catadores autônomos que atuam nos territórios onde estão localizados os galpões das cooperativas ou associações para facilitar o acesso de catadores a benefícios, equipamentos de proteção, políticas públicas e, simultaneamente, construir elos entre catadores nos territórios. Isso pode acontecer simultaneamente com a ampliação e garantia de cadastro no CadÚnico e acesso a políticas de assistência social a longo prazo.

Além dessas recomendações, catadores possuem demanda por canais de acesso a instituições para tirar dúvidas, solicitar informações sobre a pandemia e as medidas para evitar contágio. É necessário um monitoramento constante da situação de vulnerabilidade dos catadores, além de iniciativas de integração entre catadores autônomos e cooperativas que possam reduzir o impacto negativo na renda dos dois grupos. A contratação pelo serviço de coleta seletiva permitiu uma abertura maior para catadores de cooperativas terem acesso a apoio direto, seja com medidas de contenção ou mesmo à doses de vacina como público prioritário, não ocorrendo o mesmo com catadores autônomos. Essa aproximação entre catadores precisa ser realizada de maneira sistemática para ajustar as diferenças no acesso a direitos.

A separação, limpeza e quarentena dos resíduos sólidos nas residências e empresas se mostraram fundamentais para a redução dos riscos de contágio pelos catadores, principalmente àqueles que atuam nas ruas, além de tornar a coleta mais eficiente e consequentemente mais rentável. Políticas públicas de conscientização com campanhas educativas e incentivos financeiros, como redução nas taxas de lixo ou

IPTU, podem contribuir para a melhoria da coleta informal, sem dispensar a necessidade de implementação de um sistema amplo de coleta seletiva no município, que demanda investimentos em equipamentos sofisticados e caros, que acabam sendo degradados.

Há quem defenda a não interrupção dos serviços de coleta seletiva argumentando que os catadores já estão vulneráveis a várias doenças (Hepatite A, H1N1 ou mesmo HIV), sendo o coronavírus que causa a Covid-19 apenas mais um vírus que traz risco de contágio. Isso é verdade, no entanto, essa triste constatação deve ser usada ao contrário, de modo a não naturalizar a exposição a riscos de adoecimento de toda sorte, mas sim evitar todos os riscos. Sem relativizar a comoção social da atual crise sanitária, essa experiência trágica pode servir de alavanca para mobilizar a população e melhorar a separação domiciliar em geral, alertando para, além dos procedimentos de quarentena dos recicláveis, a separação dos resíduos de banheiro, hospitalares e produtos tóxicos que usualmente aparecem na coleta seletiva. Também não é novidade que as condições de trabalho dos catadores nas ruas e nos galpões não são adequadas em termos ergonômicos, de saúde e de segurança. Como na separação domiciliar, a higiene e a segurança dos catadores não é uma demanda nova imposta pela Covid-19, mas uma demanda pujante que agora se torna mais acentuada, devendo, assim, ser uma oportunidade para a transformação dos processos de trabalho nos galpões, que devem vir juntas com Equipamentos de Proteção Coletivos (EPCs) e EPIs para proteger os catadores deste e de outros riscos. Mais do que repetir o jargão de que crises são oportunidades de crescimento, a situação atual deve ser vista como a comprovação de que não é mais possível continuar como antes. No caso dos catadores e da reciclagem, o novo coronavírus e suas variantes deixam escancaradas as contradições que desde sempre atravessam o trabalho dos catadores.

Ao tentar superar as enormes dificuldades impostas pela pandemia, é preciso reconhecer causas mais profundas e persistentes, ou seja, estruturais, que vem desde os problemas crônicos voltados a condições de trabalho dos catadores, como a contradição de estarem submetidos a uma cadeia de produção que consegue extrair valor mesmo nos momentos de maior crise, até redução do preço dos materiais recicláveis que foi um dos primeiros efeitos sofridos pelos catadores que viram sua renda diminuir cada dia mais. Criar condições de trabalho mais adequadas nas ruas

e nos galpões, elevar a renda mínima a patamares além da sobrevivência, evitar riscos na coleta e na triagem pela separação domiciliar adequada e universalizar a coleta seletiva porta a porta são mudanças necessárias para o trabalho dos catadores, aumentando a resiliência para enfrentar momentos de crise. A pandemia não apenas atinge os grupos socialmente vulneráveis, ela revela a desigualdade da distribuição social dos riscos, expõe de forma brutal as fragilidades econômicas e sociais de grupos que convivem com certas vulnerabilidade e perigos que devem ser combatidos juntamente com o vírus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABES, (2020a). **Recomendações para gestão de resíduos em situação de pandemia por coronavírus COVID-19.** Disponível em: <<http://abes-dn.org.br/ctabes/ctresiduossolidos/2020/03/30/recomendacoes-para-gestao-de-residuos-em-situacao-de-pandemia-por-coronavirus-covid-19/>> Acesso em: novembro de 2020.

ABES (2020b). **Medidas de controle dos riscos para retomada do serviço de triagem de materiais recicláveis por catadores em tempos de COVID-19.** abril de 2020.

APA (2020). Nota à Comunicação Social nº 19/2020, 25 março 20. **Gestão de resíduos em situação de pandemia por SARS-CoV-2 (COVID-19).** Orientações e recomendações. Versão 2.0 - 24/03/2020. Disponível em: <https://apambiente.pt/zdata/Instituicao/Imprensa/2020/Nota_OCS_2020-19_GestaoResiduos_SituacaoPandemia.pdf> Acesso em: Abril de 2020.

ARAÚJO, Elaine Cristina dos Santos; Silva, Viviane Farias; Martins, Wanessa Alves; Araújo, Sarah Kalley dos Santos. **Diagnóstico da situação dos catadores de materiais recicláveis em diferentes países durante a pandemia do covid-19.** Revista GeoGraphos. Alicante: Grupo Interdisciplinario de Estudios Críticos y de América Latina (GIECRYAL) de la Universidad de Alicante, v. 11, n. 136 p. 96-120, maio, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.14198/GEOGRA2021.12.136>> Acesso em: 15 de set. de 2021.

BRAHAM. C; OGANDO, A. C. **Essential, but Unprotected: How Have Informal Workers Navigated the Health Risks of the Pandemic?**. WIEGO, abril, 2020. Disponível

em: <https://www.wiego.org/sites/default/files/resources/file/PolicyInsights4_0.pdf>. Acesso em: 15 de set. de 2021.

DA SILVA HENRIQUE, R. L.; DE OLIVEIRA MATTOS, U. Al. **Contexto Socioambiental das Cooperativas de Catadores do Rio de Janeiro e os Impactos da Covid 19**. Revista Internacional de Ciências, v. 10, n. 3, p. 32-49, 2020.

DE OLIVEIRA, F. G.; LIMA, F. P. A. **Eficiência e solidariedade nas associações de catadores de materiais recicláveis**. 2012.

DIAS, E.; CAVALCANTE, D.; GOMES, S. **Desproteção sanitária e previdenciária dos catadores de resíduos não-associados em Fortaleza - CE: uma análise sociojurídica da precariedade de tal atividade**. Revista Direito e Justiça: Reflexões Sociojurídicas. Santo Ângelo, v. 19, n. 33, p. 141-160, jan./abr. 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.31512/rdj.v19i33.2861>>. Acesso em: 15 de set. de 2021.

DIAS, S.; ABUSSAFY, R.; GONÇALVES, J.; MARTINS, J. P. **Panorama dos impactos da pandemia COVID-19 na reciclagem inclusiva no Brasil**. WIEGO, julho, 2020. Disponível em: <<https://www.wiego.org/publications/panorama-dos-impactos-da-pandemia-covid-19-na-reciclagem-inclusiva-no-brasil>> Acesso em: setembro de 2020.

DIAS, S. **O Fórum Municipal Lixo e Cidadania: uma plataforma de inclusão social e participação**. WIEGO, agosto, 2011. Disponível em: <https://www.wiego.org/sites/default/files/publications/files/Dias_WIEGO_PB5_portugues.pdf>. Acesso em: 15 de set. de 2021.

DINIZ, S., SILVA, G., GUERCI, M. (2020). **Nota Técnica - Economia Popular Urbana e a Covid-19: Desafios e Propostas para Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Cedeplar, UFMG. Abril, 2020.

GONÇALVES, J. T. **Reciclagem de Rua**: catadores de rua e a coleta seletiva informal [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

VAN DOREMALEN, N. et al. Aerosol and surface stability of SARS-CoV-2 as compared with SARS-CoV-1. **New England Journal of Medicine**, v. 382, n. 16, p. 1564-1567, 2020.